

Os Desafios Contemporâneos na Investigação em Sociomuseologia.

Judite Primo¹

Introdução.

A proposta desta reflexão parte de algumas inquietações profissionais e pessoais que conduzem a uma refletir e, conseqüentemente, busca desconstruir algumas «*verdades estabelecidas*» no universo da Museologia. A intenção é analisar o nosso contexto de produção de conhecimento e buscar compreender alguns dos desafios para a investigação em Museologia na contemporaneidade.

Essa busca tem o propósito de sinalizar uma possível transformação no campo da investigação em Museologia, que se tem revelado mais complexa e com novos compromissos, e que traduz-se num maior compromisso dos investigadores da área em associar os temas das suas investigações com as realidades locais e com as problemáticas sociais contemporâneas, com ênfase na interdisciplinaridade, tornando a investigação do campo da Museologia mais vasta e com outras imbricações.

A nossa hipótese é a de que, quer se trate de uma compreensão museológica clássica ou se trate de uma compreensão

¹ Investigadora Principal FCT- CeiED, Departamento de Museologia, ULHT
judite.primo@ulusofona.pt

Sociomuseológicas, encontraremos presente na generalidade destas investigações as ideias de patrimonialização, de cenarização, de teatralização da memória, de apresentação pública de bens culturais e de processos educativos mais ou menos formais. Mas a par disso, também encontramos estas ideias e noções associadas aos processos de socialização das referências destes patrimónios e das memórias coletivas, no contexto de território e de grupos sociais determinados, podendo mesmo alicerçar ou nos conduzir a compreender diferentes práticas e processos museológicos.

O texto tem por referência a produção científica no espaço Ibero-americano, assente nas reflexões da Sociomuseologia e na praticada da Museologia Social contemporâneas. Esta abordagem não ignora a existência das reflexões e das práticas, em particular, da Museologia anglófona e francófona, mas considera relevante uma abordagem centrada num espaço que tem vindo a ter papel central nos movimentos de transformação da Museologia contemporânea.

Puxando as linhas para criar e reforçar as teias

No contexto mais amplo dos processos contemporâneos que emergem com grande tensão, pode-se identificar alguns como mais transversais, tais como os fluxos migratórios, as lutas pela equidade de género, as demandas pela igualdade racial e étnica, a defesa pelo planeta, os movimentos LGBTQI, os movimentos sociais pelo direito à terra e a moradia, bem como a crescente necessidade de trabalharmos as acessibilidades físicas-intelectuais-ambientais-económicas(...). A Museologia confronta-se, ou pelo menos assim deveria, com as questões acima assinaladas, mas também com as problemáticas de diversidade cultural, de hibridação cultural, das estratégias para a salvaguarda dos diferentes patrimónios e de novas lógicas e compreensões do que hoje podemos assumir por comunidades e por novas territorialidades.

A nível internacional a UNESCO tem nos indicado, ao longo da última metade do século XX, novas possibilidades e caminhos para a investigação, pautando novos temas e problemáticas a serem trabalhados. Sua política pública de carácter supranacional tem estado atenta às grandes demandas sociais e às problemáticas culturais numa abordagem inclusiva, reparadora e de salvaguarda, sempre pautada por processos educativo e de sensibilização social.

Em 2001 a UNESCO adotou a «*Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*» na qual reafirma seu compromisso com os Direitos Humanos, bem como com a salvaguarda da cultura. A Declaração, organizada em temas e subtemas adotados em doze artigos, defende a diversidade cultural como património comum da humanidade; relaciona-a aos direitos humanos, ao direito ao pluralismo cultural, ao direito à cultura e a criatividade e imputa a garantia de parte do cumprimento destes compromissos à cooperação e solidariedade internacional.

A Museologia, ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI, foi se moldando a luz das exigências da sociedade em prol da assunção de novos modelos museais, novos processos e práticas que assumissem um carácter mais inclusivo, modelos e processos que dessem conta da diversidade cultural, temática, étnica e de género. Essa mudança foi sendo construída em diferentes territórios e contextos sociais e se verificam um pouco por todo o mundo. Estas mudanças, que em sua generalidade foram também influenciadas pelos documentos da UNESCO, nem sempre foram essencialmente transformadoras, mas permitiram revelar a possibilidade de ampliar as fronteiras de atuação e o nível de compromisso da Museologia com a sociedade.

Inserem-se neste quadro referencial algumas instituições específicas que ganharem notoriedade devido a algum processo específico e também, os movimentos que conduziram a criação de novas tipologias de museus. Pode-se referenciar o Museu

Comunitários de Anacostia nos Estados Unidos da América, o Museu de História Natural de Neuchâtel na Bélgica, os Museus Locais em Portugal, os Museus Comunitários no México, os Ecomuseus espalhados um pouco por todo o mundo ocidental, Japão e China e, no Brasil os Museus de Favela, os Museus de Quilombos e os Museus dos povos originários, assim como os Pontos de Memória.

Essa mudança de modelo museal e de processos museológicos impactou diretamente na investigação que a área da Museologia em especial a Sociomuseologia passou a desenvolver e a valorizar e pode-se verifica uma transformação na prática e na teoria museológica que implicou na adoção de novos conceitos e noções, da compreensão de novas realidades conduzindo a mudança do modelo daquilo que hoje podemos chamar de museu.

Mas como algumas influências podem ser retroalimentadas, a UNESCO reconheceu a importância da Museologia e da Função Social dos Museus, quando ratificou em 2015 a «Recomendação referente à *Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade*». Esta Recomendação visa a garantir e ampliar novas reflexões Sociomuseológicas e práticas de Museologia Social, que traduzem alguns dos grandes desafios da contemporaneidade.

“A Recomendação dialoga com temas que estão no centro da atuação de um número cada vez maior de museus, em todos os continentes, que se reconhecem como atores do desenvolvimento, da inclusão social, da igualdade de gênero, do respeito pelas diversidades, assumindo plenamente princípios e valores já inscritos na Declaração de Santiago do Chile, de 1972, que a própria Recomendação invoca de pleno direito.” (A.A.V.V., 2015)

Esta amplitude e conexão da área da Museologia com a contemporaneidade estão expressas em toda a Recomendação, mas pode-se olhar com mais atenção o ponto III, designado de

«*Desafios para os museus na sociedade*» onde, nos seus artigos 16, 17, 18 e 19, trata com atenção sobre a «Função Social» reconhecendo papel fundamental na promoção e articulação de coesão e laços sociais, na construção da cidadania, na reflexão sobre as identidades coletivas, no fomento a reflexão e debate na sociedade sobre temas históricos, culturais, sociais e científicos, bem como na promoção de direitos humanos e igualdade de género, podendo ainda auxiliar as comunidades a enfrentar problemas e mudanças na sociedade.

Ao trazer as noções de função social, de diversidade cultural, de hibridação cultural, de novas comunidades, salvaguarda planetária, acessibilidades e de novas territorialidades, reconhecemos a perspetiva da produção atual da Museologia no âmbito das Ciências Sociais, por meio da produção de Waldissa Rússio (2010), Mário Moutinho(1993), Cristina Bruno(1996), Marcelle Pereira(2018), Judite Primo (2017), Clóvis de Brito, Juliana Siqueira, Vânia Brayner (2018), Katia Filipinni (2015), mas também é necessário ampliar o espectro do olhar para foca em produções específicas das Ciências Sociais e Humanas como em Baumam (2003), Appadurai (2004), Homi Bhabha (2005), Castells (1999), Néstor Garcia Canclini (1997), Bruno Latour (2012) e Tim Ingold (2015), Gondar e Dubebei (2005). Ou seja, estas são questões contemporâneas que se apresentam (re)desenhadas e (re)contextualizadas, mas que precisam ser assumidas como realidades sociais que impactam na realidade museológica da contemporaneidade e que devem ser compreendidas à luz do próprio campo da Museologia.

Devemos discutir a problemática do social, do cultural e da produção de conhecimento na pós-modernidade, procurando evocar os diferentes, porém complementares, processos:

- de massificação das culturas;
- da dualidade existente em alguns contextos de massificação dos processos educativos e culturais, quase sempre a par com a coexistência do posicionamento crítico sobre o paradigma da contemporaneidade;
- das questões de transnacionalização de bens culturais;
- das problemáticas geopolíticas dos novos movimentos migratórios;
- do crescente e progressivo fosso entre oriente e ocidente;
- das questões preservacionistas dos bens culturais, quase sempre materiais e da negligência quanto a vida humana, que gera um contexto dual de coexistência num mesmo território, a ver por exemplo, o drama dos refugiados e do seu não lugar nos espaços que deveriam ser de acolhimento;
- do tratamento de memórias locais e da exclusão da memória dos considerados diferentes (refugiados, negros, mulheres, crianças, estrangeiros...);
- das tensões territoriais (direito a terra, a moradia, a demarcação de terras de povos originários...).

Estes processos, que estão a se reforçar na contemporaneidade, são obstáculos mas também podem ser novas oportunidades para a investigação em Museologia e em especial em Sociomuseologia. Por um lado se configuram como grandes desafios para serem enfrentados, mas por outro lado podem ser tratados como possibilidades para a realização da investigação no campo disciplinar da Sociomuseologia sobre as realidades locais e supranacionais.

Neste texto não trataremos das questões de compreensão, ou não, dos nossos pares quanto aos nossos objetos de estudo, nossos métodos, nossos resultados e nossas construções

partilhadas de resultados, para e com os não académicos. Não tem por objetivo aprofundar o questionamento constante que somos alvo, por estes mesmos pares sobre «(?)se a museologia é ou não um campo disciplinar; (?) se museologia é ou não uma ciência, (?)se temos ou não um método específico para investigar e m museologia, (?) se a investigação no campo das ciências humanas e sociais é ou não válida, (?)se a socialização dos bens culturais e da memória, pela Sociomuseologia, é ou não um processos de assistencialismo». No entanto é fundamental entendermos que essa incompreensão, desconfiança e desprestígio em relação a investigação no campo da museologia, tem sido uma realidade vincada entre investigadores das ciências sociais e humanas, que se verifica nos corredores das nossas Academias e Instituições Museológicas. É importante que os métodos e instrumentos metodológicos sejam reforçados constantemente, que nossos investigadores se mantenham a par das mais atuais e recentes investigações nas diferentes áreas científicas, pois somente assim poder-se-á conquistar o respeito e a validação devida para os resultados de investigação no campo específico da Museologia.

A tarefa tem sido árdua! Mas é fundamental compreender que o exercício e a reflexão do campo da Museologia implicam, em muitos casos, sair do campo. Olhar para além do campo e buscar compreendê-lo como dizia Saramago: *“É preciso sair da ilha para ver a ilha, não nos vemos se não sairmos de nós”* Daí a importância de também trabalharmos em prol da ruptura do monoparadigma hierarquizante das ciências e seguirmos pela investigação inter-trans-pluri-meta disciplinar Santos Neves (2011).

Na verdade, essa sempre foi a característica mais marcante do «locus» privilegiado de pesquisa em museologia – os Museus. Sob a ótica da história, verificamos que os museus europeus da modernidade, nasceram como palco-cenários que expunham os trabalhos classificatórios das ciências modernas, mas sobreviveram

por meio da sua comunicação interdisciplinar. Talvez, esse seja uma das nossas mais fortes heranças na Museologia. Os museus, este primeiro local da musealidade, o locus privilegiado, mas não exclusivo de intervenção museológica, continuam a ter uma estreita vinculação com o desenvolvimento de diferentes ramos das Ciências Humanas e Sociais. A Museologia, como área disciplinar para além de partilhar saberes com estas áreas do conhecimento, também estabelece interlocuções com outros ramos do saber e do conhecimento científico.

A Professora e pesquisadora Cristina Bruno (1996), salientou que a museologia oferece às outras áreas do conhecimento uma oportunidade especial de aproximação sistemática com a sociedade, para o cumprimento da necessária devolução do conhecimento à sociedade. Para tanto, a referida pesquisadora identificou duas características marcantes na disciplina museológica: (1). A Museologia identifica e analisa o comportamento humano face ao património; e, (2). A Museologia desenvolve processos e técnicas científicas para que a partir dessa relação, o património possa transformar-se em herança, memória coletiva, recursos para a construção de identidades, direitos humanos (...).

É evidente que se apresentam dois níveis diferenciados de desafios para a pesquisa contemporânea em Museologia: um primeiro muito global, supranacional, político e social e, um segundo bem mais restrito, de carácter mais institucional e académico. Mas ambos interferem diretamente na forma, nos temas, nos enfoques, na abrangência e na sobrevivência das nossas pesquisas em Museologia, mas em salvaguarda da Sociomuseologia.

Em busca de matrizes

Em meio a estes dois níveis diferenciados de desafios, precisamos reforçar a investigação no campo da Museologia por

meio da qualidade dos nossos projetos, de uma maior consistência teórica e pelo real impacto dos resultados da pesquisa junto a sociedade.

É fundamental a definição de prioridades para a investigação em Museologia e em especial em Sociomuseologia. Mas para que tal definição ocorra, é fundamentalmente entendermos, teórica e empiricamente, as transformações do mundo em que vivemos.

Neste caminho de definição e delimitação de enfoque para a investigação, em meio aos impactos da globalização sobre os processos culturais e sociais, Pierre Mayrand propôs, em 2007, um caminho por meio da Altermuseologia.

“Today the steam roller of globalization once again forces the museologist to join his energy to the plea of populations and organizations committed to the transformation of the museum framework into a Forum – Agora – Citizen, and also forces him to place himself in the field of otherworldliness with a didactic, dialectic position, capable, through the vital energies he generates, of fostering dialogue between peoples”²

A Altermuseologia, proposta por Pierre Mayrand, é uma proposta teórica que parte da compreensão do compromisso social da Museologia e assinala que as problemáticas sociais e económicas do mundo global impactam diretamente no na área científica e no seu «locus» de atuação, devendo por isso reagir de forma proativa gerando o diálogo e a colaboração entre os povos.

² Tradução livre.: “Hoje, o rolo compressor da globalização obriga o museólogo a juntar a sua energia ao apelo das comunidades e organizações comprometidas em transformar os instrumentos museológicos num Fórum Cidadão Agora e também o obriga a colocar-se no campo da diversidade com uma postura didática e dialética que seja capaz de gerar, através das energias que desperta, um diálogo entre os povos”.

A Altermuseologia identifica a necessidade de compreensão do presente e consequente atuação crítica em via de mudanças. Na mesma linha encontramos eco nas reflexões de G. Agamben (ano) que aponta que ser contemporâneo não é a conexão plena com o mundo em que vivemos, mas a o estabelecermos certo desalinhamento de tempo e espaço, um certo afastamento que nos permita a compreensão e a crítica como atos renovadores, capazes até mesmo de promover uma rutura paradigmática.

Assim voltamos às questões, ainda por serem respondidas, da primogenitude do museu e da museologia, da delimitação do objeto disciplinar e epistemológico da Museologia, dos métodos e metodologia de investigação aplicadas em estudos museológicos e sociomuseológicos.

Não podemos assumir estas como questões tangenciais, pois elas reforçam e dão coerência as pesquisas e as práticas museológicas. Talvez precisemos voltar a estes estudos com mais afinco, não numa perspectiva egocêntrica, de apenas olharmos para nós mesmos, mas como estratégia consciente para uma maior relevância das nossas investigações em Sociomuseologia.

Esse exercício em prol de compreender a episteme da Museologia não é uma novidade no contexto acadêmico e do associativismo profissional. A problemática aqui apresentada, passa por voltarmos a algumas questões fundamentais que ajudem a delimitar o objeto disciplinar e epistemológico da Museologia. É possível identificar vários autores e pesquisadores que fizeram esse exercício e em consequência passaram a defenderem abordagens diferentes. Uma dessas corrente nos aponta que este objeto é o próprio Museu, é o caso p.ex.: de G.-Henri Rivière e do próprio Conselho Internacional de Museus (ICOM/UNESCO); mas há também, no seio do ICOFOM - International Committee for Museology – , a defesa feita de que o objeto disciplinar e epistemológico da Museologia é o estudo da relação do ser humano

com a realidade; há ainda uma outra corrente, que pode-se identificar como a abordagem do MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia – que assume que o objeto disciplinar e epistemológico da Museologia é o Património que gera herança e memória coletiva.

Outra questão que tem sido posta e que nos tem condicionando, ao invés de nos impulsionar para a busca de resposta mais contemporâneas, é a da possibilidade vs impossibilidade da museologia ser uma ciência. Essa é uma corrente trabalhada por pesquisadores do ICOFOM. Caso a impulsão fosse para a busca de resposta a esta questão, isso nos daria espaço para discutirmos. enquanto hipótese, se a Museologia estará definitivamente condenada a ser uma Filosofia, ou uma espécie de “meta-teoria intuitiva e documental”, como afirma Bernard Deloche, (2001) ou ainda, como uma mera prática.

Neste sentido Pedro Cardoso Pereira, (2010) nos colocou o desafio de fazermos o exercício de pensarmos o objeto disciplinar e epistemológico da Museologia para além do museu e da relação humana com a realidade. Cardoso propôs pensarmos que este objeto é o Património, considerando-o muito mais abrangente que o museu e muito mais factual que uma relação. E assim o pesquisador nos diz: *“A Museologia é um campo disciplinar, científico e académico autónomo. Que possui não apenas um objeto-de-estudo perfeitamente delimitado (património), que as outras disciplinas científicas não abordam.”* (Cardoso, 2014)

A afirmação de Cardoso, nos impulsiona a buscar novas respostas, não significa que as respostas encontradas serão as corretas, significa, num primeiro momento, que opta-se pelo risco da pergunta, que opta-se pelo risco da descoberta, que segue-se sabendo que as dúvidas podem conduzir a caminhos por serem desvendados, pode significar que o «não evidente» em torno da

área científica pode ser explorado como oportunidade para novas investigações em Museologia.

Em tom de conclusão

Em forma de conclusão, é possível perceber que a cada nova oportunidade nos conduzimos para novos desafios e desenho de novos processos e modelos, os quais podemos identificar como sendo:

1. A assunção plena de uma investigação no campo da Sociomuseologia que não negligencia as inquietações existentes no cerne da própria Museologia;
2. A construção de respostas teóricas com base na empiria e nos grandes desafios da contemporaneidade;
3. O reconhecimento de que os movimentos de transformação da Museologia possuem uma história mas continuam em processo; e,
4. A compreensão e adoção, no campo da Sociomuseologia, da importância renovadora da «*Reciprocidade de saberes*» que teve na prática da Museologia Social o seu nascedouro.

Neste sentido, esses novos processo e modelos constituem o que hoje se reconhece como a escola de Pensamento de Sociomuseologia.

Bibliografia

A.A.V.V. (2015) EDITORIAL: Breves considerações sobre a genealogia e o significado da Recomendação sobre a proteção e a promoção dos museus e coleções, de sua diversidade e de sua função na sociedade Paris, 20 de novembro de 2015. In.: Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas - ULHT.

- Acosta, A. (2011). O bem viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos. Autonomia Literária.
- Appadurai, A. (2004) Dimensões Culturais da Globalização – A modernidade sem peias. Lisboa: Editorial Teorema.
- Baumam, Z. (2003). A Comunidade: A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Bhabha, Homi K. (2005). O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG:
- Brito, C. (2019). Nossa maçã é que come Eva: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. Tese de Doutoramento em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tenologias, Orientação. Prof. Doutor Mário Moutinho. Lisboa: ULHT.
- Bruno, C. (1996). Museologia: Algumas ideias para a sua organização disciplinar. Cadernos De Sociomuseologia, [S.l.], v. 9, n. 9, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/291>>. Acesso em de 21/07/2019
- BRUNO, C. (2009). Funções do Museus em debate: preservação. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 10, n. 10, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/298>>. Acesso em: 14/07/2019.
- Bruno, C. (coord.) (2010). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e contextos de uma trajetória profissional. (vol. I e II) São Paulo: Ed. Governo do Estado de São Paulo.
- CANCLINI, N. (1997) Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP.
- Cardoso Pereira, P. M. F. C. (2010). O património perante o desenvolvimento. Tese de Doutoramento em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tenologias, Orientação. Prof. Doutora Judite Santos Primo, Lisboa: ULHT.

- Castells, M. (1999). *A Soceidade em Rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo:Paz e Terra.
- Deloche B., 2001. *Le musée virtuel*, Paris: Presses universitaires de France.
- Filipini, K. (2015). A potencialidade dos lugares da memória sob uma perspectiva museológica processual: um estudo de caso. O memorial da resistência de São Paulo. (2011). *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 50, n. 6, oct. 2015. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5229>>. Acesso em: 14/08/2019
- Gondar, J. & Dodebei, V. (2005). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: ContraCapa.
- Ingold, T. (2015) *Estar Vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba.
- Mayrand, P. (2009). 9. Chronique d'un altermuseologue. *Cadernos de Sociomuseologia*, 31(31). ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/489>>. Acesso em de 24/07/2019.
- Moutinho, M. (1993). Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 1, n. 1, may 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>>. Acesso em: 14/07/2019
- Pereira, M. (2018). *Museologia Decolonial: os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal*. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 55, n. 11, june 2018. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6369>>. Acesso em: 14/07/2019.